

EDITORIAL

CASA E TRABALHO – NOVAS TIPOLOGIAS HABITACIONAIS PARA O SÉC. XXI

HOUSE AND WORK – NEW HOUSING TYPOLOGIES FOR THE 21ST CENTURY

Victor Neves-Dr. Arquitecto Universidade Lusíada de Lisboa victneves@sapo.pt

Abstract: Today, through the substantial change in the labor market, the temporal relationship with the house / housing has changed radically. We move from one home to other several times throughout our lives and to different geographic locations.

In addition, the revolution in information technology and communication technology that has occurred in our lives has altered our own physical relationship with the space in which we live. Today the house is no longer a destination, it is a turntable of scheduled times and disparate activities. Including professional activities.

For that purpose, the space of housing can, with advantages, be the alternative to carry out a work, assuming that it will be adapted to other functions and systems, to the use of the internet and the telework.

These realities imply new challenges in housing design. New housing typologies, which also include spaces for working, will be necessary. Typologies that are not limited to adding a fourth room to the work function, but which create a space segment with autonomy, polyvalent, adaptable and perhaps as important as the above, with possibilities of promoting brandings and exposing logos to the exterior of buildings, or products.

Architecture is committed to create a fresh look at a model of home / housing that responds to these new changes. New revolutions in architecture can be guessed. New spaces, new functions, new constructive technologies, new equipment, will certainly bring new architectural languages. The paradigm of a housing adapted to

working activities, will have to reinvent the dynamics of the body in the definition and invention of space - and especially of the architectural space.

We cannot fight against the machines and we cannot prevent their development, and it is certain that automation and artificial intelligence will make obsolete the paradigms of work, at least in the Western world. But does it mean that man will be progressively marginalized?

A casa, encarada como habitáculo é uma entidade física, e nessa perspectiva pode ser entendida como um abrigo. É talvez aí onde se radica o significado mais antigo da casa. Mas a casa tem também um significado sentimental, digamos que poético ou fenomenológico. Miguel Esteves Cardoso numa das suas crónicas do jornal Público intitulada “sobressair em casa” (*1) escrevia o seguinte:(...) “ficar em casa ajuda a pensar a nossa casa como um destino, um lugar onde chegamos, que levou muito tempo a atingir”. E ainda: “A casa é um refúgio mesmo para quem quer fugir dela”.

Esta abordagem da casa, por parte de MEC, profundamente emotiva, está, no entanto, posta em causa pela dinâmica da sociedade global em que vivemos, porque a casa é um bem cada vez mais volátil e transitório, comparativamente ao que acontecia, por exemplo na primeira metade do

século passado. Nas primeiras décadas do século 20 e mesmo até nos anos 50 em Portugal, poderia facilmente acontecer que alguém habitasse num 3º piso de um prédio urbano da cidade e trabalhasse numa loja ou indústria no R/C do mesmo prédio. E essa casa habitava-se amiúde toda a vida.

Hoje, por via da substancial alteração no mercado do trabalho, a relação temporal com a casa/habitação alterou-se radicalmente. Muda-se de casa várias vezes ao longo da vida e para locais geográficos diferentes.

Para além do mais, a revolução da informática e das tecnologias de comunicação que ocorreu nas nossas vidas, alterou a própria relação física que temos com o espaço onde vivemos. Hoje a casa já não é um destino, é uma plataforma giratória de tempos programados e actividades díspares. Também profissionais.

A 4ª revolução industrial e a habitação versus trabalho

Há uma crise na sociedade actual, no que diz respeito ao antes se designava pleno emprego. Só na Europa estima-se que haja perto de 25 milhões de pessoas à procura de emprego.

Mesmo que esse número diminua, o desemprego é, reconhecidamente, um flagelo das sociedades europeias, até porque vários estudos atestam que os países mais desenvolvidos vão continuar a perder emprego.

A 4ª revolução industrial do séc. XXI com a Internet of Things (*2), abraça as mais promissoras e excitantes tecnologias do nosso tempo, incluindo a inteligência artificial, a robótica, a nano-tecnologia, a impressão 3d e a biotecnologia.

Estas novas tecnologias estão a revolucionar a economia mundial e o mundo laboral, também. Associadas a outras mudanças sociais e demográficas, ocorridas no mundo, poderão provocar uma diminuição sensível da oferta de trabalho - 5 milhões de postos nas 15 maiores economias de países desenvolvidos ou emergentes, por volta do ano 2020. Estas novas tecnologias estão também a transformar os sistemas de produção e consumo e o mercado do trabalho a nível global. O importante é que essas mudanças se traduzam em mais inclusão e não exclusão social.

A inteligência artificial irá também modificar a natureza do trabalho, a sua duração e a mobilidade dos trabalhadores, os quais terão de ser instruídos, em tecnologias de ponta, que estão em constante evolução. A 4ª revolução – The Internet of Things poderá permitir aos trabalhadores

trabalhar localmente, até em casa, sem se deslocarem às suas empresas, mas por outro lado, exigirá muito maior mobilidade dos trabalhadores, deslocando-os durante curtos períodos para onde houver necessidade de criar formação especializada e apoio tecnológico. Isto porque as profissões do futuro serão cada vez mais especializadas, mais flexíveis e com conteúdos que não serão só tecnológicos. Vai ser preciso valorizar, de novo, as profissões de relação, porque se as tecnologias digitais revolucionaram o trabalho, mataram por outro lado as relações humanas de proximidade, pessoais. O grau de exigência vai ser cada vez maior, a sensação de esgotamento profissional ocorrerá mais cedo e as pessoas procurarão cada vez mais uma segunda carreira. Aliás isso acontece já cerca de 3mil de milhões dos 7 mil milhões de pessoas que o mundo tem, não vivem só de um único emprego. Isso prova que, sobretudo nas economias menos pujantes, as pessoas têm capacidade de se adaptarem a diversas funções e até empreender novas actividades. Se isso poder ocorrer junto da sua residência, usando meios informáticos, mesmo que básicos, resolveremos vários problemas de uma só vez, sobretudo a exclusão tecnológica.

Este novo emprego de proximidade, ancorado nas enormes possibilidades das comunicações digitais, é aquele que poderá permitir a um reformado abrir uma pequena empresa de negócios de reconstrução de móveis, por exemplo, ou uma doméstica abrir uma pequena empresa de arranjo de roupas, ou a um ex-corretor de seguros abrir a sua própria empresa de seguros ou a um jovem sem curso superior abrir uma empresa de venda de vinhos e produtos regionais.

Para isso o espaço da habitação pode, com vantagens, ser a alternativa para exercer o seu trabalho, sendo que para isso a habitação tem de se adaptar a outras funções e sistemas, ao uso da internet e do tele-trabalho.

As alterações tipológicas necessárias. O tele-trabalho:
As crises que despontaram nas economias ocidentais, desencadearam um fenómeno de “empreendedorismo” individual, que está intimamente ligado ao uso das novas tecnologias de informação e comunicação. Jovens empresários, artistas, desempregados que iniciam negócios e actividades individuais em empresas unipessoais, artesãos que produzem as suas peças em pequenas oficinas domésticas e que precisam de as vender, são

exemplos, entre outros, de como o tele-trabalho a partir de casa pode ser uma realidade operativa e funcional

Por outro lado, e ao contrário do que era habitual nas primeiras décadas do século XXI, as grandes companhias multinacionais, evitam, hoje, abrir sucursais em diferentes países e agências em diferentes cidades. Para essas companhias, é mais rentável ter colaboradores individuais que estejam baseados em diferentes localizações geográficas e que actuem individualmente em rede e online com as sedes dessas empresas.

Essa realidade está a produzir alterações nas tipologias habitacionais e irá, no futuro, produzir mais outras que serão sensíveis para a arquitectura, à semelhança do que aconteceu no passado, quando se produziram alterações técnicas e tecnológicas sensíveis.

No século 19 e inícios do séc. XX eram comuns os quartos para criadas e outros compartimentos para “escritórios” e “bibliotecas”. Desapareceram por volta dos anos 60, pelo menos em Portugal. Mas nesses anos 60 também era habitual haver uma sala de jantar, para além de uma sala de estar em espaço separado. Também as cozinhas eram, em Portugal, e até aos anos 70, espaços autónomos, mas a partir daí passaram a ser, frequentemente, Kitchenettes

integradas no espaço da sala comum onde coexistiam as funções de comer e estar .Hoje, essas kitchenettes transformaram-se em espaços de refeições.

As casas procuram adaptar-se, timidamente, a novas funções. Com a habitação coexistem actualmente actividades profissionais. Ter uma casa onde se habita com a família e o cão ou gato e onde, ao mesmo tempo, se exerce uma actividade profissional – seja através de um computador ligado em rede ou através de um contacto directo com clientes, recebendo-os em casa – tornou-se frequente.

Estas realidades implicam novos desafios no design das habitações. Novas tipologias habitacionais, que incluam também espaços para trabalho serão necessárias. Tipologias que não se limitem a incluir mais um quarto para a função trabalho, mas que criem um segmento espacial com autonomia, polivalente, adaptável e que, talvez tão importante como o que atrás se aventou, crie possibilidades de promover brandings, de expor logos para o exterior dos edificios, ou produtos. Neste contexto, as fachadas das habitações, ou pelo menos uma parte deles, transformar-se-ão em autênticas montras. Ver e deixar-se ver será o mais importante para quem tenha um espaço de trabalho

integrado na sua habitação. Inverter-se-á de algum modo o postulado da intimidade do habitar, passando a privilegiar a comunicação de e para o exterior, pelo menos na parte da habitação dedicada ao trabalho. A mutação dos modelos habitacionais, não se restringirá apenas à disposição e divisão dos espaços interiores, mas implicará mudanças de linguagem nas arquitecturas.

Habitação, robots e corpo humano

O paradigma de uma habitação adaptada ao trabalho terá de reinventar a dinâmica do corpo na definição e invenção do espaço – e em especial do espaço arquitectónico. Apesar do enorme poderio das máquinas no mundo actual. David Gelernter – um cientista pioneiro da inteligência artificial, professor de Yale não tem dúvida em afirmar que os computadores serão as máquinas mais poderosas, capazes de executar múltiplas e complicadas funções. Muito melhor que o ser humano. As suas memórias serão cada vez maiores do que a dos humanos – sem dúvida. Eles irão, com certeza, mudar a natureza do trabalho, da educação e das relações humanas. No entanto, Gelernter no seu último livro “The tides of Mind: uncovering the spectrum of consciousness” (*3) levanta dúvidas sobre as

reais vantagens dos computadores e das suas imensas capacidades. Comparativamente, a mente humana é também um produtor de pensamento, cálculo e data (tal como os computadores), mas também é um produtor de SENTIMENTOS. Os engenheiros podem seguramente construir computadores e robots cada vez mais sofisticados, mas não podem construir seres humanos. Ora o CORPO, (não apenas o cérebro), é parte da CONSCIÊNCIA. E a mente altera-se com as mutações do corpo – com a idade, com a condição física, com a envolvente física e social, por exemplo.

Não podemos lutar contra as máquinas e não podemos impedir o seu desenvolvimento, e é certo que a automação e a inteligência artificial vão tornar obsoletos os paradigmas do trabalho e do mundo laboral, pelo menos no mundo ocidental, mas significa isso que o homem fique progressivamente marginalizado?

A mão de obra barata, não especializada e arredada da informática – muita dela estrangeira e imigrada – vai ficar obsoleta e dará lugar a uma sociedade intensamente produtiva que, em principio, não irá criar novos postos de trabalho. Especialistas nestas questões do mundo laboral como o americano Andy Stern, um ex-chefe da Service

Employees International Union propõe novas medidas de compensação social, nomeadamente um subsídio mínimo de segurança social UBI-Universal Basic Income, que segundo ele seria a única hipótese de garantir uma transição digna dos info-excluídos para a economia do futuro. A proposta não é consensual, nem sequer na Europa onde a protecção social tem mais tradições como uma responsabilidade do Estado.

Para um grande número de pessoas, o desenvolvimento de pequenos negócios individuais, ligados a prestação de serviços ou à produção de produtos artesanais ou com um índice de mão-de – obra especializada, pode ser uma solução, como se atrás se referiu, tornando imperativo uma radical alteração dos modelos habitacionais. Até porque as crises que têm assolado à Europa têm atirado milhões para fora do mercado de trabalho, mesmos os que já nasceram com uma formação técnica e tecnológica da 4ª Revolução – os chamados “millennials” a geração nascida entre os anos 80 do século XX e o princípio do século XXI. Eles cresceram na era da electrónica e das redes sociais, mas também foram severamente atingidos pelas crises financeiras do século XXI. Só que para esses, o acesso ao trabalho não tem qualquer comparação possível com a

geração “baby boomer” por exemplo ou até com geração que se lhe seguiu – a “geração X” – gerações onde o trabalho era um dado adquirido na vida.

Se olharmos para a situação mais actual, a geração post-millennial – a chamada geração Z que inclui indivíduos ainda teenagers ou com 20 e poucos anos de idade – verifica-se que eles trabalham maioritariamente em regime de freelancing. Num interessante artigo de Katy Steinmetz, publicado na revista Time (*4) sugere-se que esses jovens indivíduos optam por usar headphones no seu trabalho colaborando e socializando em chat rooms, em detrimento das salas em open-space usadas pelos “millennials”: No entanto, também sabemos que em muitos casos, esses indivíduos usam o espaço da sua casa (ou da casa dos pais) para esse mesmo efeito.

A arquitectura está obrigada a assumir um novo olhar sobre um modelo de casa / habitação que responda a estas novas mudanças. Novas tipologias, novas morfologias serão necessárias e com essas novidades novas revoluções na arquitectura se adivinham. Novos espaços, novas funções, novas tecnologias construtivas, novos equipamentos, irão trazer, com certeza, novas linguagens arquitectónicas.

Notas

(*1) - “Sobressair em casa”, Jornal Público 14 de Agosto de 2016. Miguel Esteves Cardoso (MEC), jornalista, escritor e cronista. Escreve regularmente uma coluna no jornal Público onde aborda atemas do quotidiano.

(*2)- The Internet of Things (IoT), Como conceito surgiu, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) com o objectivo de criar um sistema global de registo de bens usando um sistema de numeração único chamado Electronic Product Code. O termo, propriamente dito, foi criado em 1999 por Kevin Ashton. Hoje significa uma extensão da Internet actual, que proporciona aos objectos do dia-a-dia (quaisquer que eles sejam), com capacidade computacional e de comunicação, ligarem-se à Internet permitindo o seu controle remoto, ou serem usados como provedores de serviços.

(*3)- Gelerneter, David, “The Tides of Mind: uncovering the spectrum of consciousness”, Amazon, 2016

(*4)- Revista Time, Dezembro 25-Janeiro 1,2017, pp 58-59

Bibliografia consultada

Stern, Andy, Raising the floor: how a Universal Basic Income Can Renew Our Economy and Rebuild the American Dream, Public Affairs, Amazon, 2014.